

1

PROBLEMAS DA LINGUA LITERARIA NO BRASIL

Partes da exposiçao:

- I) Introduçao: lingua falada e lingua escrita
- II) Rumos da lingua literaria no Brasil:
 - A) A tradiçao (distanciamento da lingua literaria e da lingua falada)
 - B) Renovaçao (aproximaçao)
 - C) Busca de uma estilo literario novo
- III) Conclusoes:
 - A) Traços diferenciais entre a lingua literaria do Brasil e a de Portugal.
 - B) Interpretaçoes que tem sido dadas
 - C) Bibliografia

IV) *Seminarios: Fausto Cunha, Augusto dos Anjos, Cecília Meireles, Cam. Prudente.*
 Só um referenciar a prova

 Object.: despretar a atençao
 um conj. de problemas

I) INTRODUÇÃO

1. Língua como conjunto de signos.
2. Variação lingüística: no tempo
 no espaço
 de acôrdo com as camadas sócio-culturais
 de indivíduo para indivíduo.
3. Características da língua falada
 - a) mais conotativa que denotativa: a situação supre as falhas
 - b) mais espontânea, mais fluente: estrutura menos travada que a língua escrita (língua coloquial); se mais tensa, língua formal, melhor organizada. *Daqui = impulso de inovação*
 - c) alguns fatos da língua coloquial espontânea: dissertação de Ednir Rosa, "Linguagem coloquial brasileira", baseada em redações. O trabalho clássico aqui é o de Werner Beinhauer - EL ESPAÑOL COLOQUIAL.
 - d) Os estudos são muito recentes:
 - Geografia Lingüística
 - Estilística de Bally (linguagem intelectual x linguagem afetiva).

- 2
- Descritivismo americano: as pausas, a entonação, etc.
 - Projetos modernos de análise da língua falada: Português Fundamental e Norma Culta.

4. Características da língua escrita

- a) mais denotativa que conotativa: não havendo o auxílio do contexto, tudo deve ficar claro.
- b) sendo mais cuidada, apresenta uma estrutura mais completa, descrita nos trabalhos de sintaxe. Mesmo assim pode ser mais corrente (língua comum escrita) ou mais stilizada (língua literária estilizada). NESTA PALESTRA USO LINGUA LITERARIA POR LINGUA ESCRITA, SEM REFERENCIA AOS GRAUS DE FORMALISMO; MAIS CONSERVADORA, por causa do constrangimento da escola e da tradição
- c) Fatos da língua escrita: v. gramáticas.
- d) Os estudos da língua escrita são os mais antigos, e ascendem à Filologia alexandrina, séc. III a.C., passando pelos gramáticos, retores e lingüistas do séc. XIX.

O alto prestígio da língua escrita provoca freqüentes confusões com a língua falada, com prejuízo desta:

- confusão entre letra e som

5. EM SUMA:

- a) A língua escrita tende a tornar-se conservadora, e a falada, inovadora. Imagem de Hugo Schuchardt: o rio congelado parece parado por cima, mas é dinâmico por baixo. No ponto de encontro há trocas de qualidades, e a língua escrita busca sua renovação na espontaneidade e no dinamismo da língua falada. Essa busca de renovação será maior ou menor de acordo com a estética literária vigente.
- b) A língua falada revela todo o complexo problema da variabilidade lingüística, que não transparece tão vigorosamente na língua escrita

II) RUMOS DA LINGUA LITERARIA NO BRASIL

- A) Tradição: distanciamento da língua literária e da l. falada.
- B) Renovação: aproximação da língua literaria e da l. falada

1. Era colonial: tradição

- Estudos na Corte: 2.000 doutores saíram de Coimbra.
- nossos autores são considerados integrantes da Lit. Port.

2. Romantismo: renovação

motivo - 403

- antilusitanismo, anticlassicismo, nacionalismo : volta às origens, particularismo
- pensamento lingüístico evolucionista na época: Max Muller, Hovelacque, Whitney - v. Alfa nº 1, p. 12.
- tudo isso levou a abalar a norma lingüística clássica e conseqüente aproximação com a língua coloquial viva, na qual se localizada o espírito do povo.
- a aproximação com a língua coloquial viva se complicou um pouco no Brasil, pois essa variante era considerada incorreta por personalidades de prestígio da época: Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, e por uns ressaibos colonialistas. Na Europa havia todo um passado de cultura onde buscar modelos: v. Alexandre Herculano, por exº, e Garrett, com a linguagem do povo. Ninguém censurou Garrett, mas os românticos brasileiros foram censurados.
- Casimiro de Abreu - reabilitação por Sousa da Silveira.
- Gonçalves Dias buscou o meio termo: língua coloquial + língua clássica e arcaica.
- José de Alencar foi o mais veemente defensor de uma língua portuguesa com acento brasileiro. Depura a fala cotidiana, afasta o modelo clássico, criando o que se supõe apaixonadamente ser a língua brasileira - Gladstone Chaves de Melo.

c) Bemso de um estilo inte-
ramente novo:

* nem buscar do curren-
tao a l. folada

* nem cortejar a tra-
dição literaria



cria algo novo, median-
te a aceleraçao de algu-
mas derivas presentes
na lingua portuguesa

1) Quimaraes Rosa - reiniciado

2) Mário de Andrade:

* grandizurista de folo
brasilino

* mauroisimo: ponto de
encontro do Brasil dia-
letal

III) Condições

7

A) Traços diferenciais PT/Brasil
na l. literária

Dificuldade da matéria *he-
rileirismo ou arcadismo? (=
Marmel de Paiva Boléo)

* traqueirismo ou deriva ite-
rica? (= Rivah)

1. Fonologia:

* vogais átonas e tônicas;
pronome átono no Br?
a colocação

* crase: a + a = 'a (abstr. em
PT). não ocorre em
variações do a no Brasil,
mas percebemos a crase
no l. folado, e no
l. escrito a crase repre-
senta mais um tipo de
raciocínio gramatical
do que um sentimento
espontâneo da língua

2. Sintaxe

- * Colocação pronominal
- * Con. de have impersonal
- * Con. da passiva pronominal
- * U. de me: -o + em
- * Pronome reto com função objetiva
- * lhe predomina só me o
 por esse razão fonológica
 → vindo em quê dire,
 é uma vogal átona,
 inicial, e cai (maquina,
 relógio, bodega, etc.)

3. Crítico

- * arcaísmo
- * abricarismo
- * indigermismo

B) Interpretações

9

a) renovação / tradições → movimento pendular de características gerais, que transcende o fenômeno ling.

[lembra-se Dias Plaza, e a fe' / rajes]

b) ocorrência das 2 tend.^s ao mesmo tempo na mesma pessoa → canônico / popular

(Anti-Humanism), ~~mas~~
LDS / a ling. de C. da Complexo, RL9

Diz que isso ocorre entre os modernistas, mas este é tb. um fato + geral: a l. é feita de disciplina e de inovação

↓
comunicável

↓
estilo individualizador

O progresso ling. se faz à custa de pedidas na gramática.

c) lucitanismos / babilonismos — Celso Cunha, C. e Plab., pp. 11-27

IV) Seminários

① Fausto Cerqueira - "Os recursos do acumulados"

a) Em q. sentido foi esboçado neto uma criação de literatura?

b) O europeísmo de CN em st. l. t. e.

② Augusto Vas Leão - "A língua de sala, Amendoim".

a) Processo de formação de glos. em CDA

③ Cas. Pires - "Glos. Setes: Velocidade"

a) a composição vocabular em gr.

b) Critérios de g. R. na criação de st. l. t. e.

c) O glos. e "consciência e-
tímidica da liter.",

e) Bibliografia

1. J. Mattos Câmara Jr. — "A l. h. l. e. r. o. n. i. e.", A l. h. l. e. r. o. n. i. e. no Brasil, RJ, Sul Americana, 1955, vol. I, t. 1, pp. 101-111.
2. Barbosa Lima Sobrinho — A l. Ph. e a l. h. l. e. r. o. n. i. e. do Br., RJ, José Olympio, 1958, pp. cap. 5 diversas
3. José Montello — "A l. h. l. e. r. o. n. i. e. no Brasil", Proclamação 10 (1958), 299-307.
4. Celso Cunha — Uma Política do Id., 2ª ed., RJ, J. J. Veiga, 1968
5. Id. — l. Ph. e l. h. l. e. r. o. n. i. e., 2ª ed., RJ, TB, 1970.
6. Silvio Tiliá — "A Contribuição ling. do Mod.", Ensaio de Filologia, RJ, Acad., 1963, pp. 97-143
7. Luís Carlos Lima
- 8 — v. apostila

RECURSOS ACUMULATIVOS EM COELHO NETO

Os debates recentemente suscitados em tórno do nome e da obra de Coelho Neto parecem ter reavivado o interesse por êsse escritor. Foram exumados os encalhes, apareceram os saldos das inesgotáveis edições portuguesas, reeditaram-se no Brasil alguns volumes, enquanto Paulo Coelho Neto dava à estampa uma bibliografia do romancista.

O exame dessa bibliografia desfaz em parte a lenda da fecundidade de Coelho Neto, ou pelo menos a repõe nos devidos limites. Dos 107 títulos arrolados (inéditos-à parte), cêrca da metade são crônicas, discursos, conferências, escritos de circunstância. Nove dos 16 romances foram publicados primeiramente em folhetim diário. Há duas dezenas, de volumes de contos. Quase todo o acervo coelhonetiano é mais resultado da pressão jornalística do que mesmo de atividade literária prôpriamente dita; as edições, por seu turno, obedeceram antes a compromissos comerciais (tinha êle a obrigação de entregar, cada dois meses, um livro de 250 a 300 páginas, recebendo 400\$000-mensais).

Semelhante sistema de trabalho criador dificilmente poderia redundar numa literatura acima de medíocre. Pois grande parte da obra de Coelho Neto é constituída da quilo que muitos escritores deixam esquecido nos jornais e nas revistas, ou porque não disponham de recursos editoriais ou porque tenham mais aguçado sentido de autocrítica. Todavia não creio que se deva culpar exclusivamente a precaridade das condições do seu trabalho intelectual; bem mais fecundo foi Camilo Castelo Branco, o que não o impediu de ser o maior prosador de língua portuguesa; bem mais precárias foram as condições que limitaram a produção de Lima Barreto, sem que obstassem à manifestação de seu talento. Viver da pena estava no cerne da vocação de Coelho Neto, produzir em massa era uma necessidade do seu temperamento, ser um escritor de corpo inteiro foi sua mais profunda convicção. Poderíamos ver nêle um iludido, mas só por paradoxo um frustrado.

Fêz repousar todo seu talento na procura de vocábulos raros ou dessuetos e pôs o maior empenho no uso imediato dessas aquisições. Ao contrário de Rui Barbosa, que pesquisava a sintaxe pura, o "cunho genuíno", rebuscava Coelho Neto "o adjetivo-sonoro e expressivo", caçava "novos têrmos". Estava equivocado a seu próprio respeito quando dizia que sua "faculdade essencial era a imaginação" ou quando pensava, resumindo um ideal, que em dadas condições de vida faria versos como os de Leconte ou prosa como a de Flaubert".

Em A Conquista, o personagem Anselmo Ribas, sabidamente o autor, não esconde a certeza de que está no caminho certo. "Deixa-te de faunos e de ninfas, trabalha com homens", diz-lhe Rui Vaz, depois de lhe mostrar que êle prefere "lidar com títeres a lidar com homens. Nunca farás um livro verdadeiro, sentido, farás sempre obra convencional" No final do capítulo, quando o mesmo Rui Vaz adverte Anselmo de que êle um dia talvez se arrependa, o amigo lhe responde altivamente que não, não há de arrepende-se. Em outra página, reprova-lhe po personagem Luís Morais — "a mania do Oriente" ao que Anselmo retruca que essa mania "é um meio fácil de obter vocabulário". "Ensaio-me no descritivo, esclarece, para ganhar vigor, colorido e ductilidade."

Vocabulário e descritivo, eis dois pontos de partida para um estudo da obra de Coelho Neto. O romancista ganhou fama de manejar um léxico vastíssimo. Há, nos seus livros, descrições intermináveis. O exame atento dêsse vocabulário e dessas descrições traria resultados surpreendentes. Em primeiro lugar, suas descrições têm uma linha comum, se não um desenho comum. Seus interiores (salas, gabinetes de trabalho) e suas paisagens são como os de um pintor que tivesse diante de si um único modelo.

O exame do vocabulário demonstraria: a) grande número de palavras dentro do mesmo campo associativo (sinônimos e afins); b) grande número de palavras iniciativas com a mesma letra ou o mesmo prefixo (observe-se a frequência de vocábulos com o prefixo es, sobretudo os indicativos de estado); c) concentração de substantivos em determinados parágrafos; d) pobreza relativa de têrmos técnicos, científicos ou de precisão; e) imprecisão ou inexatidão da sinonímia (contra a ilusão do escritor de que-

possuía o termo exato); f) emprego supérfluo de arcaísmos ou preciosismos.

Um exemplo. Em A Bico de Pena (1904, p. 148) temos o arcaísmo côcedra nesta paisagem: "Ei-la de pé (a ama tártara), debruçada, a examinar a côcedra macia, a sacudir o mosquitoeiro ou a balançar, de leve, o bérço delicado". Em As Sete Dores de Nossa Senhora (1907, p. 6) lemos: "Os mercadores, sentados em tapêtes e em côcedras..." No Fabulário (1907, p. 11): "Recolhendo a câmara — já as cotovias ensaiavam o cnato — viu o seu leito, de macia côcedra, forrado a sêda, ladeado por dois grifos de olhos de carbúnculo". Em Imortalidade (1923, p. 152): "Acabou repousado como se houvesse dormido, não sôbre a pedra dura, forrada apenas pelo gibão que nela estendera, mas sôbre acitara acendrechada ou côcedra fôfa, de plumas". Côcedra, segundo o Elucidário de Viterbo, "vem do latino Culcitra que não significa colcha, mas tão-sômente colchão"; cita-se em abono um testamento português de 1348. Forma antiga, dizem Morais e Domingos Vieira, diz Figueiredo, sempre com o apoio de documentos instrinsecamente portugueses. No entanto, em Coelho Neto, o arcaísmo passa a figurar numa cena da China, noutra da Terra Santa, surge em dois países imaginários, provavelmente no Oriente Próximo e / na Europa. O quarto exemplo (o de Imortalidade) é muito significativo, pois denuncia / um dos vícios do escritor: construir frases mediante adversativas para nelas introduzir vocábulos superfinos. Uma das virtudes da Retórica e que a enraizam fortemente na alma humana é que ela procura persuadir ou corroborar pela imagem; a comparação, por sua natureza, deve ser mais simples e mais clara do que a idéia a incutir. Leitor nenhum saberá qual a vantagem de dormir sôbre uma "acitara acendrechada ou côcedre fôfa"

Nem poderá ter noção da velocidade de quem se lança "a correr pelas veredas da montanha, ágil como um élafo perseguido" (Im., p. 298). Além da redundância e da / hipérbole, há o preciosismo, pois é voz grega que só penetrou na língua através de compostos, ou um meio tecnicismo vindo de crvus elaphus. Mediante recursos dessa ordem o romancista se deleitava com uma falsa noção de riqueza verbal. O comportamento seria / legítimo se tivesse por base uma autêntica necessidade estilística ou atendesse à economia da língua, que, como organismo vivo, não precisa retroceder a formas superadas.

Creio que poderia falar no estilo rotativo de Coelho Neto, com isto quero expressar o fato ou melhor, a suposição de que êle, ao escrever, era assediado por um determinado grupo sinonímico, do qual se libertava não por meio da escolha e sim com o / aproveitamento de cada um dos vocábulos, de onde a necessidade de recursos estilísticos (hipotaxe, enumeração, assíndeton, construção em gerúndio, paralelismo, coordenação alternativa), que permitissem a manipulação de todos, no que, de resto, tinha o / aplauso de seus fiéis e de seu tempo. Podia, no entanto, acontecer que o período apresentasse apenas uma riqueza relativa, revelando pobreza de recursos expressórios quando ao lado de outro igual no mesmo livro ou no mesmo capítulo (mais frequentemente noutro volume). Exemplificando:

Imortalidade, p. 74:

- Da lenha do fogão levantaram-se espadanadamente grandes labaredas esparrimando estrepitosas fagulhas por todos os ângulos obscuros da sala; as chamas dos archotes esticaram-se em longas línguas lambendo-as paredes fuliginosas e luzidias, que rebrilharam como se fôssem de ferro. O vento da noite enfiou, silvando, pôr tôdas as aberturas e frestas dos grossos muros...

Imortalidade, p. 75:

- Não passou despercebido ao môço o súbito alvorôço em que se agitaram espadanadamente as labaredas do fogão e as chamas dos archotes. Dir-se-ia que um vento áspero lhes dava em cima ora inclinando-as, ora distendendo-as esgalgues e cada vez mais rubras. E ruflavam debatendo-se espadanadamente as línguas que se fendiam como as das serpes...

Isoladamente, cada um dos trechos indica opulência de sinonímia; a opulência

é menos visível quando se considera que ambos estão separados por menos de vinte linhas impressas. (De passagem atente-se na abundância de palavras com a sílaba inicial es.)

O aspecto negativo da preocupação de sinonímia é que, numa obra vasta como a de Coelho Neto, o escritor, por esquecimento ou necessidade, amiúda o emprêgo de equivalentes raros, do que surge a ironia de o vocábulo comum passar a sinônimo do sinônimo. A repetição de termos inusitados ou talvez inventados (fúlcite, e. g.,) desperta a impressão que o escritor mais temia, a de penúria vocabular. Assim acontece com os verbos e substantivos que traduzem ruído, vozeio humano, canto de pássaros, vozes de animais; alguns, como "bezôo", "barbariso", "trisar" tornam-se insistentes.

A enumeração foi utilizada em Coelho Neto mais como elemento ornamental do que expressivo. E é estranho que assim tenha sido, porque o maranhense foi dos primeiros escritores brasileiros que tiveram consciência da necessidade de uma literatura universal e universalista.

Via o mundo como uma gigantesca alegoria intemoral. Mais importante do que essa visão é o sentido totalista de sua obra, significando isso que êle procurava abarcar a totalidade das coisas, ter uma noção conjunta das aparências. Essa atitude encontrava sua representação literária em sintagmas como em tôda a parte, elemento deícticos e catafóricos, construções anafóricas do tipo eram... eram... Alguns exemplos extraídos do Fabulário (ed. 1924):

- Em volta do palácio, que era todo de fino e re florido mármore, estendia-se a perder de vista, o rumoroso acampamento.

Gente de tôda a casta, homens de todos os países...; e eram reis, e eram príncipes.

Em tôda a parte há flôres e risos: são danças cíclicas nos prados, partênias à volta dos templos, entre cedros; amôres à beira d'água. Em tudo a alegria, a alegria ilusão da tristeza.

É tudo funéreo: brancas as praias de areal sem dunas, branco o interior apaga do da ilha.

Nem arvoredos nem ervas, tudo desolação e silêncio e vultos merencórios seguindo as trilhas brancas, como lêmures cimérios...

Por todo o vasto Éden espalhou-se, maravilhado e risonho, o olhar do primeiro homem.

Viu as florestas frondosas ... viu as campinas alegres ... viu os montes ... viu os rios claros ... viu as fontes ...

Essa totalização pode refletir uma necessidade de auto-afirmação ou um sentimento de onipotência criadora: tudo ver, tudo ouvir, tudo representar. Será ao mesmo tempo um recurso para introduzir o elemento cultural, isto é, o vocabulário intrínseco.

Tem-se falado com alguma insistência no panteísmo de Coelho Neto. Resta definir êsse panteísmo, que não era uma projeção do homem no seio da Natureza, menos ainda uma aspiração a tudo compreender, e ainda menos uma integração no cosmos. Tudo parece indicar que sua visão do mundo era fortuita (diria arbitraria se pudesse acrescentar involuntariamente arbitraria), comunicada através de palavras e não com a palavra. Êle trata os seres e as coisas de forma apolôgica, um pouco à semelhança de Machado de Assis, e fundamentalmente nunca de forma prosopopéica ou antropomórfica, à semelhança, por exemplo de Thomas Hardy em Tess of the D'Urbervilles. (Pode haver êsse tratamento hardyano, mas só por acidente).

Em consequência, a realidade coelhonetiana é um aglomerado híbrido de anotações intemporais e inespaciais, e inespaciais, podendo dizer-se, em síntese, que sua imaginação era puramente verbal. A criação funcionava a serviço de um vocabulário disciplinado (o termo é do próprio Coelho Neto) como forma e não como forma. Por isso é que êle supunha compreender a Flaubert: via-o nos resultados e não nos fins.

É um vocabulário disciplinado, não há dúvida. A enumeração é ordenada, mesmo ali onde se poderia falar em caotização:

Ouro! E ouro seria todo o aceiro que ali tinha a enferrujar-se: armaduras completas que acobertavam o homem e o seu ginete, costa de malhas, saíões imbricados, lorigas, elmos e bacinetes, escudos e rodela, coxotes, braças, manoplas, montantes, faixas, bisarmas, punhais, e ainda feixes de virotões e ascumas,, ferros de lavou-ra, quícios e lâminas, blindagens e correntes; tudo, tudo! (Imortalidade, p. 86)

Não é outro o léxico de que deita mão quando precisa descrever uma sala d'ar-mas trinta páginas adiante:

E mais: eram saíões e briais, lauréis e lorigas imbricadas, panóplias eriçadas d'armas e, aqui, ali, em estudando abandono, elmos celadas, morriões, almafres, guan-tes; escudos enormes, triangulares e rodela, braçais, coxotes, gorgelins e acoberta-mentos de aceiro ou leves, cheios de ornamentos, para torneios e bufúrdios. (Imortali-dade, p. 113)

O fenômeno vai repetir-se, porém sob outro aspecto, Nos dois passos transcri-tos há o processo legítimo, ou pelo menos válido, da contemplação naturalística do mun-do exterior, processo que, entre nós, foi levado às últimas consequências por José Ge-raldo Vieira, na Quadragésima Porta e na Ladeira da Memória. A reiteração dos vocábu-los pode inclusive funcionar como um recurso encantatório.

Não assim no primeiro capítulo da quarta parte. A situação é esta: Everardo, "apavorado com a idéia de perder" sua mulher, criatura de extraordinária beleza, "sem mais pensar, deitou a correr em direção ao povoado". Seguem-se estes parágrafos:

Logo ao entrar na cidade, sem escura e sórdida caleja, deparou-se a Eve-rardo uma tenda de adelo, cacifro sombrio e tão atravancado de cacareús, fer-ragens e bugigangas que nêle era difícil andar sem abalrros.

Havia de tudo em desordem e poeirama: móveis de várias formas, clade-rões de cobre, obras de selaria e machamartilho, peças preciosas de alfagemas-rias: armaduras inteiriças, outras desarticuladas; camisotes, ginetes de ma-lha, arneses, couraças, elmos de camal e morriões pesados; montantes, çanças, ascumas, faixas e bisarmas, m aças e manchis; vasos e tapeçarias, rimas de / incunáculos; fatos de lemiste e grizisco, perpões de veludo golpeados, gorros balugas, guantes, um mistifório de bazar, a êsmo. Ao fundo, encafuado em uma espécie de nicho, um velhote raquíptico, de pele apergaminhada, óculos no nazi-riz em bico, amarfanhado em pelote ruço folheava um cadeixo. A rodela que ti-nha ao peito assinalava-o de judeu. (Imortalidade, p. 260)

A preocupação verbal ressalta nitidamente. Quatro vêzes é expresso aquêle ror de ojetos e cada uma dessas vêzes através de sintagma suficiente: "tenda de adelo", / "cacifro sombrio e tão atravancado de cacareús, ferragens e bugigangas", "havia de tu-do em desordem e poeirama", mistifório de bazar, (a êsmo)".

Há quebra do impulso narrativo e flagrante erro psicológico, pois um indiví-
duo no estado de espírito de Everardo, e na sua pressa desatinada, não podia ver tudo aquilo e em muitos casos nem sequer identificar o que tinha diante dos olhos, menos / ainda (o que saberemos depois) se tudo aquilo era mágico! Poderia êle, quando muito, ter a sensação de quanto o rodeava. A linha de Everardo até o judeu, que deveria ser d direta, quer numa lenda, onde a narração é expositiva e não descritiva, quer num li-vro realista (o processo não é romântico), onde a enumeração compõe o ambiente an-tes da ação e não a perturba, essa é por assim dizer labiríntica. Variam as circuns-tâncias, não variam nem o vocabulário nem o processo de sua manipulação. Se se quiser completar o quadro dos recursos acumulativos tomando como fulcro o momento da página 260, acrescente-se:

E ali se ajuntavam os mais hábeis mesteirais e artífices: canteiros, britadores de pedra, alvenéis, carapinas e ferreiros, pintores, acafeladores e mestres em alfagemeria e mestres em alfameria e em obras de couro...

Eram filas e filas de azêmolas carregadas de fardos de peles, tirados por numerosas juntas de bois ...

Em tais transportes vinha de tudo - desde mulheres raptadas ou compradas em mercados levantinos até os mais esquisitos animais; pamos de maior preço, / tapeçarias as mais raras, alfaias, obras de cinzel e de machamartilho, armas adamascadas e jóias de rajás; vinhos, licores de fabrico misterioso, conservas de frutas, guloseimas de serralhos e mil espécies de essências para perfume e arômata.

O levantamento do campo verbal de Imortalidade encontraria, entre as páginas 109 e 113, onze palavras com a sílaba inicial al: alfores, almofadas, almalho, / almafres, e mais adiante almenarias, alfário, alfaqueques. Pelas páginas do volume / correm inúmeros arabismos, embora Crève-Coeur, cenário da lenda, esteja fora da área de influência mourisca. De vez em quando se alternam arabismos, latinismos e helenismo o que mostra como ao escritor mais interessava o sentido analógico da palavra do que sua propriedade no tempo e no espaço.

Fora de Imortalidade, escolhido por ser livro de maturidade e um dos melhores do autor, pode-se investigar o comportamento acumulativo de Coelho Neto ainda / de melhor forma. Em romances como Fogo Fátuo o processo da enumeração aparece desenvolvido com exacerbação em diversos capítulos. As descrições de interior pululam nas crônicas, nos contos e nos romances, com monotonia de léxico e de formulação, quer se trate de contemplação direta ou indireta, quer de contemplação imaginária:

Quadros em pilhas, feixes d'armas: claimores, adagas, punhais, lanças, altas do Oriente, largas espadas dos tempos feudais e tóda uma armadura fulgurante, o corpo da panóplia, encostada a um ângulo. E flechas indígenas, arcos, zarabatanas, colares de dentes, tangas com pingentes de côco em campânulas, ivarapemas, remos
Em linha, ao longo das paredes, em renque de quadros ...

("Assim imaginava Anselmo a casa de Rui Vaz, à qual se dirigia pela primeira vez":) Nas paredes preciosos e raros gobelinos, panos d'Asia, de sêda e ouro, com deuses truculentos e aves abrindo caudas imensas, resplandecentes, oculados de ouro. E telas de artistas sélebres em molduras sóbrias, bronzes e mármore, panóplias d'armas autênticas ...

Diziam que a sua casa, nas Laranjeiras, era como um palácio de lenda, / bronzes raros, telas preciosas, tapetes mais altos que relvagens, móveis antigos, armas autênticas ...

Nas paredes quadros preciosos, gravuras, retratos, máscaras carrancudas de samurais, porcelanas antigas; uma panóplia autêntica arranjada em tórno de um escudo com um morrião ao alto e, irradiando em troféu, flechas indígenas, zarabatanas, taca-pes, borês ...

Convém considerar que a enumeração e a repetição não constituem aspectos negativos. Podem, sim, e isso acontece mais de um vez na obra de Coelho Neto, / transformar-se em elementos de desvalorização estilística, em consequência do emprêgo imoderado, irracional ou inoportuno. O que, por exemplo, sucede em Fogo Fátuo é que o narrador descamba francamente naquilo que João Ribeiro chama de parentirso.

Retsa lembrar que também há luzes positivas na criação de Coelho Neto, Banzo, Por exemplo, é um momento de grandeza.

1958

ALGUNS ASPECTOS FORMAIS DE
"GRANDE CERTÃO: VEREDAS"

M. Wavalcânti Proença

I

Mais de um crítico têm apontado os inconvenientes do uso indeterminado do termo barroco na classificação de estilos literários. Há limitações conológicas e outras, que devem ser respeitadas, por quem não deseje concorrer para inflacionar ainda mais os valores em curso no mundo artístico, já tão perturbado por mal-entendidos e equívocos de nomenclatura.

Pois, embora reconhecendo a necessidade e a importância desses balizamentos, não encontro, além do barroco, outra classificação para o estilo de Grande Certão: Veredas. E dizendo-o, estou confessando que ela só me ocorre, à falta de termo que melhor defina a estilística de Guimarães Rosa, nela compreendidos todos os elementos que formam a personalidade da obra literária.

Assim, deixo claro, desde logo - e para evitar a multiplicidade semântica já induzida no vocábulo - que o romancista aproveitou alguns dos elementos estilísticos comuns aos autores do período assim denominado, sem cingir-se totalmente à ortodoxia dos seus postulados estéticos, o que, alias, contrariaria a espontaneidade da criação literária.

Esses elementos são, em sua essência, resultante expressional de uma carga emotiva muito forte, cuja primeira consequência é o pendor enfático, irrepresável nos limites da linguagem comum. Daí, a busca de novas estruturas formais. Claro que, nessa busca, o escritor utiliza os elementos, os processos e o mecanismo da língua tradicional; utiliza-os, entretanto, como instrumentos de criação - e não apenas de expressão - desprezando as formas estratificadas. Esse permanente dinamismo não raro conduz a linguagem à obscuridade e sempre à assimetria, fazendo-a oscilar entre a altiloquência e o lúcido, meramente enantatário.

Tomemos um exemplo bem simples e exageremo-lo para tentar ilustrar o mecanismo desse processo estilístico: A e B altercam, quando C aparece para apaziguá-los. Fiquemos apenas no segundo tempo! Chegou C para apaziguá-los. Ora, apaziguar é palavra por demais corrente, esvaziada de conteúdo emotivo - o radical, com toda a sua imensa carga de sentimentos e sugestões, sufocado entre o prefixo e a desinência, e desbordado pelo muito uso. Então, é preciso reavivá-lo ou, se não for possível, substituí-lo por outra palavra ou expressão que lhe estejam analógicamente ligadas. Por que não Anjo da Paz? Daí em diante, as analogias se sucedem, ou melhor, se encadeiam. Anjo da Paz - o anjo que anunciei paz na terra aos homens de boa vontade - o anjo do Natal. Nesse ponto, se o personagem C ainda não recebeu nome, poderá ser batizado como Ângelo Natalino - produto de um mecanismo que o leitor não viu funcionar - não mais significará o apaziguador. É preciso, então, explicar, esclarecer, e o escritor recorre ao pleonasma, procura outros símbolos. Paz - a pomba que trouxe o ramo de oliveira, a arca da aliança.

Formam-se as associações, soldam-se os elos e a frase pode surgir assim: Quando chegou Ângelo Natalino pondo arco-iris entre ambos - ou Quando chegou Ângelo Natalino todo paz-na-terra, ou ainda, Quando chegou Ângelo Natalino numa verde revoada. Ou numa nova tentativa de aglutinar os elementos simbólicos, C poderá vir a chamar-se Olivério, Nascimento, Colombo ou, por contiguidade semântica, Angelo.

Claro que não importa, aqui, o valor estético dos elementos propostos, mas, tão só a explicação - tentativa de explicação - do mecanismo do processo. Procure o leitor e, pelo prazer do exercício, encontrará outras formas possíveis, a seu gosto.

O mais importante é acentuar que o prosseguir na marcha nos levaria ao hermético e lúcido, simultaneamente, nos primeiros degraus da escala, a língua do limpim-guapá?

II

"Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado" (Grande Certão: Veredas, p. 100)

Quando Guimarães Rosa batizou seu primeiro livro, compondo um vocábulo em que se fundiam o radical germânico *sega* e o sufixo *rã*, ou rana, "guarani o mab bion Tupi", do

padre Montoya, estava definindo um programa estilístico. Criava o seu vocábulo, sonoro e claro, sem preocupar-se com o veto gramatical aos hidridismos e proclamava sua adesão a um conceito de liberdade artística: dá em diante, utilizaria o instrumento que melhor transmitisse sua mensagem, sem indagar-lhe a origem ou a idade. Dessa liberdade resultam aproximações que causam estranheza - regionalismos vizinhando com latinismos, termos da língua oral e da linguagem castiça entrelaçando-se, contiguidades surpreendentes do português arcaico e de formas recém-nascidas, mal arrancadas do porão das latências idiomáticas, a estrita semântica dos termos etimológicos e translações violentas, de impulso metafórico ou não.

Juntaram-se no parágrafo anterior tantas afirmações que, nesta tentativa de mostrar a amplitude linguística em que se expande a coleta expressional de Guimarães Rosa, nos sentimos na obrigação de apresentar exemplificação um tanto copiosa. Do contrário pareceria exagero nosso, ou que navegamos águas abaixo nas antíteses que se foram arrastando.

Latinismos: "Aquele capim-marmelada é muito restível, redobra logo na brotação". (p.29) *Restibilis*, e - que se cultiva todos os anos.

"..... os hermógenos (...) *tenitiam* feito peste". (p.58) *Reniti* (depoente) - resistir a , forcejar contra.

"..... então Zé Bebelo perequitava, assoviando". (p. 93) *Perequitare* - percorrer fileiras a cavalo, andar a cavalo para lá e para cá (talvez fôsse melhor grafia *perequitar* ou *perocuitar*)

"Seja sem espera, quando já estão meio no meio, aquilo sucrepa" (p. 68) *Sucrepare* (sub + *crepare*) estalar por baixo, estrondar, estrepitar.

"Com tanto bobéia assim, desfrutável e escurril". (p. 130) *Scurrilis* e - gracioso, chistoso, gaiato.

Arcaísmos: Assinalar arcaísmos é tarefa mais delicada, de vez que muitos regionalismos brasileiros são formas arcaicas ainda vigentes, sendo arriscado estabelecer até onde houve aproveitamento da linguagem dialetal ou empréstimo da língua antiga. Citemos, assim mesmo alguns poucos: "Medeiro Vaz estava ali aspecto repartido". (p. 54) "Assino que foi de avis tarem umas assim que os bugres acharam idéia de formar suas tocas" (p.63) - "Sempre bater para o nascente, diretamente em cima do Tremendal". (pag. 66) "... sertanejos, em cima dos cavalos teúdos", (p. 118) - "Se nanja, sei não" (p. 195) - "... no que êle tinha suso dito não acreditei". (p. 178) "... me pegavam | por al e por mal" (p. 152).

Formas sintáticas quase em desuso aparecem frequentemente:

"Assim que Joca Ramiro fazia questão de navegar três léguas a longe com acompanhamento de todos os jagunços". (p.254) - "... a inocência daquela maldado. A mal que me aluava". (p.232) - "Onde que, mal dêle livre me vi, gritei, despachado" (p.435) - "...o único homem que a coragem dêle nunca piscava". (p.421).

Palavras de uso corrente são empregadas com significação arcaica:

"Mesmo o mais grave sido que restamos sem os burros" (p.55)

- "Saí alegre do bordel, acinte" (p.192) - "... vou indo aprendendo a contar corrigido" (p.197) - (o sentido é de corrigido). "... Padre Ponte foi adoecido ficando, de doença para morrer, se viu logo". (p.232)

- "A real que estando ofendido (ferido), por que era que não havia de vir para o meio da gente". (p.236) - "... num campo solteiro, em varjaria descoborta" (p.283).

Valeria, talvez, acentuar que não houve qualquer sistematização no emprêgo de formas arcaicas ou latinismos; tanto encontramos regressões fonéticas apoiadas em formas hipotéticas - *grãoir*, de *granire*; *flaflo*, de *flare*; *sobrelégio*, de *super* + *lex*, *legis* - como formas criadas, evidentemente por analogia: *susã*, de *suso*; *nublo*, de *nubilus*; *plão* e *prã*, de *planus*.

Palavras eruditas: Sem grande esforço poderia ser feita uma colheita nada mofinada de palavras eruditas, ou de pouco uso, do tipo de: "Não vim socolor de disfarces, com es condidos". (p.275) "..... atravessamos o córrego, pulando pelas alpondras" (p.203), a que não faltariam lusismos como *escatimar* e até regionalismos portugueses, como *...*

Indianismos: já não houve o mesmo ímpeto na invasão da linguagem indígena. De raro em raro, encontramos um riacho que brinca feito menino (curumin) colominhando; um "mato fecundo caapuão; sertanejos que "tinham xx suas ocas por lá"; um cabloco rastejador que viria para tapejar o bando de Joca Ramiro" - ou jagunços "disfarçados de mbaiá (...) isto é, revestidos com moitas, rêdes e folhagens", embaiados, reforça o narrador. Mbaiá e tapejar merecem explicação mais longa. Na Amazônia ainda é corrente a forma tupi tapejara (tapé - caminho mais jara - senhor) para designar os conhecedores de caminhos, os guias; daí Guimarães Rosa criou o verbo tapejar com sentido de guiar. Já mbaiá de que fez derivar o verbo embaia é designação que a si mesmos davam os guiacurus; e era deles o ardil ~~xxx~~ de se disfarçarem com galhos de arbustos durante o combate, como já referiram o coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra e o Tenente de Dragões Francisco Rodrigues do Prado, os primeiros, salvo engano, que estudaram os costumes da tribo.

Mas não só com a língua portuguesa, o latim e o tupi, Guimarães Rosa se permitiu liberdades de criador. Foi buscar palavras onde quer que correspondessem ao seu desejo de música ou de força expressional. Assim, inventou quirquinchar para o grunhido do tatu, partindo do quíchua quirquincho ainda hoje usado em vários países da América Espanhola para designar esses desdentados. E até o deus babilônico Shamash vem para o grande sertão, onde o sol chamacha. Em ambos os casos, entretanto, essa liberdade se apóia em coincidências fonéticas - chama e quinchão - disfarçando o pleonismo sem quebrar-lhe a força.

III- Terá Guimarães Rosa inventado uma língua? um dialeto? Pergunta ociosa, se feita com intenção científica, uma vez que a língua e dialeto são conceitos delimitados em definições convencionadas internacionalmente. Ainda que se considera a língua e dialeto com o máximo de amplitude semântica, ainda assim não houve criação. O que ocorreu foi ampla utilização de virtudes da nossa língua, tendo a analogia, principalmente, fornecido os recursos de que ele se serviu para construir uma fala capaz de refletir uma enorme carga efetiva de seu discurso. Daí embora reconhecendo que, pela abundante contribuição individual, essa fala encontra dificuldades para se incorporar à língua, não cabe falar em criação, mas em esforço consciente no sentido de uma evolução da linguagem literária. A agregação de prefixos, ou sufixos ao radical, visando a formação de novos sintagmas não necessita de abono em dicionário, pois é processo normal da língua a justaposição de elementos que virtualmente lhe pertencem. Tradadistas já explicaram o fenômeno com muita clareza, usando mesmo notação matemática, ressaltadas, necessariamente, as diversidades de disciplinas: amar: amável; : passar: x: x= passável.

Ora, essa proporção analógica não pode ser matematicamente rígida e daí as ressalvas. Neste Brasil nosso, o gaúcho fala em dinheiral, o pernambucano em dinheirão, enquanto outras regiões conservam o luso dinheirama. Quem pode vetar dinheiragem? ou os pejorativos dinheiraça, dinheiralha? Assim se explicam, em Guimarães Rosa, formas do tipo magoal, de mágoa; asnaz de asno, cocoral de cócoras; ou efetual de afeto. Do mesmo processo analógico, acrescido da analogia serial, vem retrovão (pique: reque), e, ainda, trêsfuriado, transcruzado, ou deslei, processo que voltaremos a analisar pois foi utilizado pelo romancista como instrumento de ênfase.

Também é analógica a atualização de transformações fonéticas, a unificação de fatos diacrônicos e sincrônicos da língua. Ninguém em espera que alicate, com o tempo, venha a se tornar algate, embora delicato tenha evoluído até delgado. Só nos casos de tendências muito fortes, como acontece com os proparoxítonos, ainda vemos o povo alterar Leônidas pa Leondas e música para musga, pelo padrão de pulica - pulga. Em Guimarães Rosa entretanto são frequentes os casos em que usou da nasalização, partindo muitas vezes de formas anteriores, hipotéticas, como se vê em louçana² louçãa louçã; serrana serãa serrã; noturnazana noturanãa noturnazã; urucuiana urucuiãa urucuiãã; risana risãa risã; granire @raoire graoir; consentânea consentãea consentã, gana gãa gã; ou aqueles em que empregou outras formas de evolução, criando festinho, do latim festinus, rebuliz, de rebo-lizo? ganiz, de um imaginário ganício; intrim, de inteirinho.

Muito abundante o aproveitamento dos processos vigentes na linguagem sertaneja para a formação de novos termos e até de expressões regressivas.

Entre os primeiros, as citações encheriam páginas, se houvesse preocupação de convencer; basta exemplificar: "Artes o advôgo - aí é que vi" (p.268) - "As garças é que praziam de gritar, o garcêjo delas". (pág. 291) - "... rompidas marchas, duramente no varo das chapadas". (p.305) "... atravessar o rebêlo dum rio cheio" (p. 385) - "... bebi meu primeiro chupod'água" (p.51) - "...oxaxaco de alpergatas" (p. 57) - "... só se ouvia o resfol d'êles, cavanços". (p.52)

Do segundo grupo, cujo esquema (satiafação - satisfa) já foi aproveitado por Mário de Andrade e, antes d'êle, por Alencar que o aplicou, principalmente, aos adjetivos, encontram-se apôvom kxx louro, revôgo, esfrêgo, ou variantes do tipo acampo da Macaúba" (p. 50) - "Sem admitit apêlo nem revôgo" (p.78) - "Foi um esclaro". p.48 . "... chão rosado ou cinzento, gretoso e escabro" p.51. - "De supêto x eu jpa estava remoçado" p.55 - "valente como mais valente, sertajejo supro". p.555 - De rempe, tudo foi um ão e um cão. p. 159

IV -

Dada a busca da oralidade, a linguagem de Guimarães Rosa não pode deixar de ser examinada sob êsse aspecto. Convém no entanto, esclarecer que o aproveitamento das peculiaridades orais, no caso, não implica em reprodução documental da linguagem falada. O que existe é a estilização dos processos expressivos que a caracterizam em suas tendências para a intensificação.

Continua.

ORDEM - Substituindo as flexões causais, a ordem das palavras constitui, na verdade, um morfema, isto é, a ordem dos semantemas na frase deve ser preestabelecida, pois que indica relações e dependências sintáticas - Entretanto - e Vendryes fixou bem o fenômeno - a ordem lógica degramática não é a mesma da linguagem falada. Predominantemente emocional, esta possui a sua lógica, sobretudo afetiva, que arruma as idéias menos segundo regras objetivas de raciocínio do que atendendo à importância subjetiva de cada palavra para que fala.

A antecipação, como processo de valorizar elementos sintáticos, acessórios ou essenciais, de segunda ordem, pode ser claramente percebida em construções como as que vamos apontar resumidamente: "... - lá judiaram com escravos e pessoas, até aos pouquinhos mater". "As canoas eram algumas, elas todas compridas, como as de hoje".

JOGOS SONOROS - A ênfase, cujos vários processos vimos acompanhado, traz em si um desejo de inovação. Dessa busca de formas inusitadas, mas possíveis resulta o aparecimento de associações vocabulares inesperadas, combinações sonoras, construções imprevistas, barroquismo explosivo, antitético e uma exageração que termina sugerindo aspectos lúdicos. É o que acontece com Guimarães Rosa, não só em Grande Sertão: Veredas, mas nos outros livros também.

Os caminhos - ou veredas? - estão balizados pela aliteração mais primitiva ou pela coliteração mais sutil, daí passando para repetições de consônâncias, a partir da tônica e na mesma ordem, verdadeiras rimas em consoantes como perfilha - farfalha, até chegar em muitos casos, à rima perfeita, quando não são segmentos métricamente isossilábicos ao puro pôgo inventivo, à onomatopéias.

Não nos alongaremos em comprovar em longas resenhas o uso desses métodos na linguagem popular, pois é assunto por demais conhecido. Apenas um exemplo tradicional servirá de epígrafe à enunciação do material colhido em Guimarães Rosa. Colheita apenas demonstrativa, pois, desde Sagarana o uso desses recursos rítmicos é uma constante da sua estilística.

ALITERAÇÃO

(Popular: "Massa matou Pita - Pita matou seto").

".... estou de range rêde - ".... de poleiro pôgo prôvio, abrimos nossa calamidade nêles"
"... o frio fieva" - "Bela é a lua, lualã - "Molhei mão em mel"

COLITERAÇÕES

(Popular: "Sou combatida do vento - Só posso dormir de dia")

"Cavacamos uma funda cova" - ".... nas folgas vagas"

RIMAS EM CONSONÂNCIA

(Popular: "Palma, palmeira, palmito - Palmito, palmeira e palma)
É rapaz e é raposa - Rapariga e rapapé")

"Estalinho de estrêlas" - "Polo pulo fino" - "Sungar segrêdo" - "Escapulido, calado"

RIMA CONSOANTE

(Popular: "O que arde cura - o que aperta segura")

"Tem coisa e couse, e o d'á rapôsa" - "Fumacinha é do lado - do delicado...." - "Amigo era o braço, e o aço!"

"Rincha-Mãe, Sangue-d'Ouro, o Muitos-Beijos, o Raga-em-Baixo, Faca-Fria, o Fancho-Bode, um Treciziano, o Azinhavre"

Como se vê, nem sempre os exemplos são puros, acumulam-se num mesmo trecho vários recursos rítmicos, reforçando, às vezes até a pura música, a tendência lúdica da prosa. Na formas onomatopáicas e pegmáticas ainda é mais tangível essa tentação inseparável do estilo enfático:

ONOMATOPÉIAS

(Popular: "O que é mafum-mafum/ O que é mafum-bambá/O que é verde de alonga/O que é verde de alongá")

".... um couro (....) por resguardar a pessoa do rumo donde vem o vento - o bafe-bafe"

"... o xaxaxo de alpercetas" - "... o plequeio das alpercetas".

Como puro jogo sonoro associativo, cabem alguns exemplos: "... verde que afina e esvoste, belimbaloza" - "Perdoar é sempre justo e certo... pirlimpim, pimpão" "::::o bambaloango das águas". "... as árvorezinhas ruim-inhas de minhas". * "Era o manuelzinho -da-croa, sempre em casal (...) às vezes davam beijos do biquinim.